

O menino tímido

A timidez sempre perversa e cruel

Antônio Hermógenes

O menino tímido

A timidez sempre perversa e cruel



Rio de Janeiro
Fevereiro/2014



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

O menino tímido: a timidez sempre perversa e cruel
Copyright © 2014 Antônio Hermógenes
Todos os direitos são reservados, no Brasil

PoD Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8 sala 1110
Centro – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa e Diagramação:
Control C – Impressos sob Demanda

Impressão e Acabamento:
Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H475m

Hermógenes, Antonio

O menino tímido: a timidez sempre perversa e cruel / Antonio Hermógenes. – 1a. ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2014.

206p. ; 21cm Inclui índice

ISBN 978-85-8225-049-5

1. Ficção brasileira. I. Título.

14-14223

CDU: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

18.07.14

23.07.14

Sumário

Agradecimentos	7
Sobre o autor	9
Um lugar simples e humilde	15
A reação	21
Curiosidade	25
Uma melodia	29
Emoções, ansiedades, ilusões e sonhos	61

Agradecimentos

Os meus agradecimentos à minha nora Bruna Ingrid e ao meu filho Victor Hugo por terem me dado muito apoio quando comecei a escrever este livro. Os dois ainda eram apenas namorados e Bruna, sempre respondia as minhas perguntas sobre o livro, com um sinal de perseverança, com um gesto de incentivo. Andou ao meu lado, fazendo algumas correções a pedido meu e sempre fazendo alguns elogios. Sem a ajuda dos dois, eu seria mais de desistir do que continuar. Ainda hoje são eles quem vem me dando mais apoio nesta tarefa. Agradeço à minha filha Sheila por ser tolerante ao me ver agarrado ao caderno e não lhe oferecer aos fins de semana um passeio como dever de um pai. Agradeço à minha esposa por me suportar na mesa da copa aos sábados e domingos, por vários meses com um caderno e uma caneta. No início, ela não sabia o que eu tanto escrevia. Com o decorrer do tempo tive que lhe dizer. Agradeço também ao meu editor Luiz Claudio, que mesmo sem me conhecer, ao receber o meu primeiro telefonema, convidou-me para ir pessoalmente ao seu escritório e conversarmos. No nosso contato, teve a paciência de me dar todas as explicações devidas para aquele momento, e me deu orientações longínquas, proveitosas e constantes, conforme eu precisava para concluir a minha obra.



Sobre o autor

Antonio Hermógenes da Cruz nasceu em 1947. Viveu uma infância normal de criança do interior. Já ao diferir o adulto diante de uma criança, ele sentiu que gostaria de ser um adulto muito cedo. Sempre acompanhou com veemência o espaço que havia entre ele e os maiores de idade. Viu que queria participar, com quão grande igualdade, dos exemplos que encontravam-se, para ele, a tão pequena distância, e, ao entender que o tempo o ajudaria, deixou passar para ver o que iria acontecer.

Antonio Hermógenes andou por alguns anos observando o caminhar do tempo, das pessoas que o cercavam e trazendo para si o que podia, tentando entender todo possível e fazendo tudo para deixar consigo só o que lhe faria bem. Ele sempre separou as coisas que não lhe seriam úteis. Sempre excluiu, e as demais mantinha em sigilo, assim como se estivesse datilografado, muito bem guardado ou gravado em uma fita cassete.

Antonio Hermógenes da Cruz sempre foi chamado de Hermógenes ou Hermoge. Ele gosta de ser chamado assim. Para ele é um nome que se destaca dos demais de um modo especial e sempre teve vontade de saber a procedência de seu nome. Sempre foi curioso, e sempre teve desejo de ser criativo, só que achava que as suas criatividadeas não iriam

admirar a ninguém, não iriam chamar a atenção de ninguém e assim ele cresceu apenas ajudando o seu pai a plantar e colher juntamente com a sua mãe e os seus irmãos e irmãs que já estavam, a essa altura, sabendo de tudo e até mesmo já lhe ensinavam.

Aos 11 anos de idade, teve que fazer parte de um grande grupo de trabalhadores que construíam uma rodovia Ceará-Piauí, iniciando em Crateús em direção a Teresina, motivo de uma grande seca que houve naquele ano em todo o nordeste brasileiro.

Aquele início de vida, que surgiu para Hermógenes em sua pouca idade, foi uma luz que subitamente acendeu e ele, por ser ainda inexperiente, não viu a claridade e nem percebeu que a pouca distância estaria uma porta a se abrir.

A idade avançou e os sonhos vieram. No auge da sua adolescência, passou a ver em sua frente um infinito que antes não existia. Ali estava tudo o que ele queria, mas por trás de uma fumaça negra que não lhe deixava definir, e saber o que era bom e ruim. Assim, ele andou por alguns anos sem tomar decisões sobre aquilo que queria.

Hermógenes, sempre esteve voltado para a sua família, sem dizer não para nada do que lhe propunham; carregando um lado solidário e humilde.

Ao completar 20 anos de idade, sentiu que aquela fumaça negra havia se espalhado, e algo que não se identificou passou a lhe dar oportunidades e mostrar os caminhos, dos quais ele deveria escolher um para seguir. Sem medir forças, ele tomou uma decisão: sair do interior, pois achava que havia em algum lugar, possibilidades de se aperfeiçoar, se reerguer e satisfazer o seu ego que esperava a reação de alguém que não podia ser outro senão o próprio. Acreditando no destino, assim como acreditamos no ar que respiramos, ele apontou para o Rio de Janeiro e disse: “é para lá que eu vou”. Carregando a sua humildade, honestidade e a sinceridade que nunca se deslocaram do seu coração, ele sentiu-se corajoso e pediu permissão ao destino, sempre cuidadoso, respeitando a qualquer um que surgia em sua frente.

Com um sorriso raro, o olhar meio assustado, cabisbaixo e pouco entrosamento, ele enfrentou uma viagem de Crateús para o Rio de Janeiro. Ao chegar à cidade grande encontrou muitas coisas que não conhecia, aliás, na viagem já viu, em muitos pontos de parada, grandes movimentações que não sabia se existiam que lhe deixaram surpreso, pois não imaginava tanta coisa além do seu conhecimento.

O Rio de Janeiro lhe esperava de braços abertos, assim como espera qualquer um. Um mar maravilhoso, uma cadeia de montanhas que, se tivesse sido preservada no tempo certo, seria um grande jardim. Muita gente civilizada e culta, muita educação e muitas portas a se abrirem; mas também muitas dificuldades para quem vem sonhando alto sem fazer programações.

Houve um reinício na vida de Hermógenes, que se identificou com uma disposição pouco vista e uma ansiedade além do limite, que fazia os dias amanhecer mais cedo e as noites chegarem antes da hora. Sentiu-se tão feliz ao conviver com o povo da cidade grande. Houve um propósito por parte dele para seguir a partir dali, com conveniência e harmonia, respeito e disposição e achava que, com isso e outras opções que lhe surgissem, um dia veria sucesso que lhe faria um vencedor. Foi uma grande batalha, algumas derrotas que ele não levou em conta e para isso teve que haver muito otimismo. Ele acha que tem fé. Acredita no Criador, acredita no dia de amanhã, acredita naquilo que não viu. Foi assim que ele andou por muito tempo com uma dignidade harmoniosa e sempre procurando opções mesmo quando não havia uma porta para bater. Surgiram-lhe caminhos empoeirados, ondas altas e fortes, o início de uma escuridão que lhe estremeceu todo o seu corpo fazendo-lhe ameaças de tristeza, mas sempre viu em sua frente, um sinal positivo mesmo quando não podia enxergar à longa distância. Essa positividade lhe deu ênfase e lhe manteve de cabeça erguida a ponto de não desprezar o seu otimismo e permanecer ágil, e sem se deixar levar por algo que não estava nos seus planos. Hermógenes tem hoje o Rio de Janeiro como um grande exemplo de vida.

Sempre diz que quem quiser também mostrar esse grande exemplo se comporte como ele se comportou, insista como ele insistiu, acredite como ele acreditou.

Hermógenes teve, no início da sua juventude, uma grande atração pela música e achava que sabia cantar. Teve muita vontade de se dedicar, mas não teve coragem de dizer para ninguém o quanto gostava. Os tempos lhe fizeram sofrer muito por causa disso. Ao amadurecer, sem se conformar, ele viu que a música não chegava até ele, sonhou com a convivência com o público de alguma forma e achava que um dia iria viver profissionalmente lidando com o público. Quando a idade chegou, ele viu tudo distante do seu caminho, como a música, o teatro, o cinema, dos quais ele era apaixonado. Quando se dirigiu ao livro, ler, sem saber se era daquilo que ele gostava. Com o decorrer dos tempos, viu que escrever também era lidar com o público, e não só isso, percebeu que gostava muito de escrever. Não viu muito talento, mas ficou lisonjeado quando entendeu o que havia feito ao escrever algumas mensagens. Daí em diante, começou a escolher o nome de um livro do qual ele seria o autor. Não teve muitas dificuldades, pois ao olhar para trás viu uma história que daria mais que um livro. Ele hesitou e ficou parado por algum tempo, sem se decidir, achando que não estaria ao seu nível e que escrever um livro seria algo mais do que a sua condição. No início do ano de 2005, Hermógenes vivia trabalhando como autônomo, mas clandestinamente e muito inseguro. Tomou decisão e iniciou o que ele ali mais queria, que era escrever um livro. Aos sábados e domingos, ele ficava sempre sentado na mesa da copa com um caderno e uma caneta. Tão logo surgiu o nome “O Menino Tímido”, que ele achou conveniente e um bonito nome, que combinava muito com o que ele encontrou para contar. Seria a sua primeira realização diante de quão grande sonho. Para ele, o livro seria lançado logo que acabasse de escrever e a ansiedade a cada dia aumentava mais. As dificuldades continuaram, mas ele não desistiu. Durou três anos para concluir a sua história e, ao chegar ao final, ficou pasmo sem saber o que fazer

O menino tímido: a timidez sempre perversa e cruel

para conseguir um lançamento. Depois, mais seis anos com a história encadernada, e só em 2014 veio encontrar alguém que lhe abriu a porta e deu a oportunidade para que o seu livro fosse lançado.

Um lugar simples e humilde

Ali vivia aquela família simples, humilde e muito sofredora. Era um interior onde o povo vivia sempre da colheita. Poucos criavam animais domésticos, como bovino, suíno e outros. Em meio àquela família, havia um menino que não se adaptara ao sistema de seu povo e de sua região. Amava, sim, tudo do interior, mas por motivo de ser um lugar sem evolução ele tinha sempre os pensamentos diferentes de qualquer outro de lá, mas a timidez, ali, andava à frente de tudo.

Ao completar nove anos de idade, aquele menino já começara a procurar, em meio aos seus pensamentos, como e para onde sair e ver evolução em sua vida. É claro que era muito cedo, mas aquele menino tímido criou, aos poucos, muitos sonhos. Sonhos que jamais alguém daquela região e até mesmo dos seus conhecimentos realizou na vida.

Ele não teve coragem de dizer para ninguém que começara a ter sonhos que por ali só ele imaginara. Os tempos se passaram e ele começou a fugir dos trabalhos pesados que o seu pai e todos daquela região enfrentavam. Ele não tinha coragem de dizer para ninguém, porque naquele lugar qualquer pessoa que não trabalhasse no pesado era conhecida como preguiçosa. Só que ele, de vez em quando, pensava: “eu não vou viver a minha vida toda, aqui, fazendo esses

serviços tão simples, sem criatividade, sem evolução e, ainda, não é esse o caminho que eu pretendo seguir na minha maturidade”. Ele vivia ajudando ao seu pai. Cuidando dos animais, levando-os para o bebedouro, pois as águas ali eram escassas, e, depois, de volta para o cercado. À tardinha, conforme as regras, teriam que deixar as vacas no curral, as cabras também, separar os bezerros e os cabritos, para que ao amanhecer do dia seguinte o velho pudesse tirar o leite, que no fundo era uma grande ajuda para a alimentação, até porque a família era muito grande.

Aquele menino tímido sempre ouvia um grande barulho no céu. Perguntava a si mesmo: “que barulho será aquele que não se vê nada? Ainda vou descobrir que barulho é esse”. Em certo dia, ao ouvir aquele barulho, saiu caminhando pela estrada e logo acabou todo o barulho. Não desistiu. Ouviu outra vez e continuou caminhando. O barulho acabou, mas ele já havia tomado a decisão. Continuou andando pela estrada. Era época de política. Como sempre, nas épocas de eleição, os políticos visitavam o interior frequentemente. Faziam comícios e sempre visitavam as pessoas carentes querendo ganhar votos. Muitos políticos andavam de uma cidade para outra, e os aviões não paravam de passar.

Logo, a cinco léguas dali, havia a cidade mais próxima. A uma légua da cidade, havia o campo de avião (aeroporto). Aquele menino tímido foi andando as cinco léguas até chegar ao campo. Ao se aproximar, a primeira coisa que viu, foi um avião no alto, se preparando para a aterrissagem. Aquele avião passava por cima dele. Quando olhou para o alto viu algo com asas enormes fazendo tanto barulho que o menino resolveu a gritar:

— Meu Deus, eu nunca vi um pássaro deste tamanho e ainda, cantando alto assim!

Resolveu se deitar no chão deixando o pássaro passar por cima dele. O menino quase morreu de medo. Pensou que seria um gavião ou até mesmo um morcego: “que seja qualquer um dos dois, eu não resisto. E se for o morcego é pior ainda, dizem que ele chupa o sangue dos animais e se vier

fazer o mesmo comigo? Desse tamanho eu não vou ter condição alguma para me defender!”

O avião aterrissou e logo as pessoas começaram a sair e se dirigirem para os automóveis que ali estavam a lhes esperar. O menino tímido nada entendeu. Ficou poucos minutos e voltou dizendo:

— Isso só pode ser coisa de outro planeta!

Aquele menino tímido gostava muito de observar o canto dos pássaros e se apaixonou a ponto de sair à procura de uma gaiola para colocar uma Juriti. Aquela ave linda estava em época de reprodução. Logo no dia seguinte a Juriti botou o primeiro ovo. Um dia depois, o segundo e, no outro dia, o terceiro ovo. Em seguida, vieram três filhotes. Alguém lhe perguntou:

— Como você conseguiu um pássaro que sozinho consegue botar ovo e criar filhotes sem ter um companheiro para cruzar?

Ele, como não conhecia e não tinha experiência alguma, ficou calado e muito impressionado.

Logo depois houve uma novena em sua casa, e alguém lendo parte da história sagrada no Livro de Isaias que dizia: “... um dia uma virgem dará à luz um filho...”. O menino tímido, no dia seguinte, quando teve coragem de falar, disse:

— Isaias falou que uma virgem daria à luz um filho e ela desobedeceu, e teve três, e não um só.

O menino um dia sentiu-se apaixonado. Ele conheceu uma menina quase da sua idade. Encantou-se com a sua beleza. A cada passo que dava, lembrava do encanto dela. Ele sorria sozinho e às vezes até conversava sozinho também. Tudo isso por causa daquela menina.

Ele nunca imaginou que ela chegasse a sentir um dia alguma atração pelos seus sentimentos, pois era verdade.

A partir dali, passou a existir entre os dois uma comunicação oculta que se transformou em amor sem que eles soubessem. Ela também possuía alguma timidez, algo que dificultava cada vez mais a sua aproximação.

Tornou-se uma tragédia no coração daquele menino, por

sentir que havia tão próximo dele uma pessoa a quem tanto gostaria de conquistar e lhe faltava o principal, que era a coragem de se aproximar. Ele andou, por muito tempo, vendendo no seu coração a palavra amor coisa que não tinha noção do que era. Quando os dois se encontravam, o coração dele possuía as mais belas frases para transmitir, mas a timidez era maior. Eles paravam, olhavam um para o outro, sabiam, sim, o que dizer, mas não conseguiam abrir a boca e falar. Ele carregava sempre a imagem dela nos seus pensamentos, a cada momento. A sua vida ficou dominada pelo encanto daquela menina. Alguém que para ele era tudo, e jamais havia outra igual.

Os dois eram de famílias simples, muito parecidas em termos financeiros. Criavam animais, cultivavam as terras, plantavam e colhiam. Era sempre assim a vida daquelas duas famílias. Mas ele, com a sua timidez inexplicável, sentia-se distante, sequer via que ela também era tímida. Levavam a vida em um interior onde não havia divertimento algum, não havia cinema, teatro e outros. Nem mesmo uma praça havia para que se vivesse mais à vontade nas horas de lazer.

Ele, que sempre foi um menino tímido, e, como se sabe, a timidez é tão perversa a ponto de não nos deixar sequer dizer o que sentimos, vivendo em um lugar tão simples assim, jamais iria expulsar aquela fraqueza terrível que até ali nunca o deixou olhar para frente.

Quando ele avistava aquela menina, o seu coração dizia rapidamente: “Lá está ela. Ou eu estou enganado?” E o menino tímido parava. Não deixava de olhar, só, que não tinha coragem de se aproximar. Ela também muito tímida parava e logo seguia o seu caminho olhando para trás como se fosse dizendo: “Vem que eu te espero logo ali”. Imediatamente os olhos de um viam nos olhos do outro tudo que há de mais bonito. E o coração de um sentia tudo que há de mais fascinante no coração do outro. Mas, na verdade, ele não sabia o que ela sentia e nem ela sabia o que ele sentia. Quanto sofrimento! Ele dizia muitas vezes ao se distanciar:

— Quando vê-la outra vez vou me aproximar e dizer pa-

O menino tímido: a timidez sempre perversa e cruel

ra ela tudo que sinto...

E o amanhã, cadê?

Tornou-se um grande dilema a vida daquele menino que nunca mais parou de fazer planos para o dia seguinte. Ele, quando chegava a algum lugar que a encontrava, até tinha vontade de sorrir, mas, assustado, imaginava: “E se eu sorrir e ela não corresponder, quanta vergonha vou sofrer”. Ele olhou para o alto e, ao devolver a vista para o chão, colocou as duas mãos sobre a cabeça e saiu andando cabisbaixo: “Vou me retirar deste lugar por algum tempo até saber o que vou fazer. Não sei para onde, nem como, mas vou conseguir”.

A reação

O menino tímido, ainda com dúvida, imaginava: “O meu pai tem uma família tão grande, pensando bem, somos quinze irmãos, se eu me afastar, com certeza, não vou fazer falta nesta casa. O máximo que pode acontecer, é eu sentir muitas saudades de papai e mamãe e dos meus irmãos, pois amo muito a todos”. E assim o menino foi pensando, só que a cruel timidez não lhe deixava falar nada com ninguém. Ele ficava sempre à espera de um convite de alguém, como se tudo aquilo que pensava já houvesse falado para o público.

O seu cunhado era marceneiro. Morava na cidade. Ele todo envergonhado falou que gostaria de aprender a profissão. O cunhado e a irmã Luisa o convidaram para morar com eles por algum tempo, assim seria mais fácil aprender. O menino, todo empolgado, os acompanhou. Passaram-se alguns meses, e não aprendeu nada, pois nem sequer demonstrou interesse. Voltou para casa.

Depois, o seu irmão mais velho, Elias, o chamou para ajudar a cuidar de um sítio de um senhor por nome Zacarias. O menino acreditou que ali iria encontrar uma luz que clareasse o seu caminho. Lá no sítio era uma maravilha, mas aquele menino sentiu-se mais preso que antes. Não desistiu. Ficou por mais de um ano.

O senhor Zacarias comprou uma fazenda em um lugar chamado de Inhamum, e como o irmão Elias gostava muito de lidar com gado o senhor Zacarias trocou do sítio pela fazenda. Entregou a Elias uma responsabilidade muito maior, dando-lhe mais trabalho. O menino o acompanhou. Durou pouco, e tiveram que sair todos da fazenda. O senhor Zacarias não deu maiores satisfações. Voltaram todos para aquele

interior onde nasceram.

O menino, lá no interior, encontrou tudo igual ao que era antes. Somente aquela menina já havia se desenvolvido. Estava mais desinibida, já ajudava os pais a plantar, a colher e até mesmo a cuidar das criações. O seu encanto era o mesmo. Ou um pouco mais. O coração dele batia sempre mais forte, quando a avistava. Ela já sorria só que ele jamais sabia se ela sorria para ele ou não. Ele também passou a sorrir, mas não tinha coragem de entregar-lhe o seu sorriso. Assim a dúvida continuava. Ele imaginou: “Agora que passei algum tempo distante, e ela continua linda como antes, devo encontrar uma forma de me aproximar e lhe falar tudo que sinto e sei que vai ser emocionante, até porque vou lhe dizer tudo que vi e senti desde quando a conheci”.

Ele se sentia mais maduro, procurou reação, mas a timidez ainda foi maior. Ele se revoltou e quase desistiu. Junto com a revolta andou um pouco de depressão. Sentia-se frágil, sem acreditar que contaria um dia com uma vitória. Ela provavelmente aceitaria conversar com o menino até porque se não quisesse falar com ele não trocariam tantos olhares. Mas mesmo assim ainda mostrava muita timidez também.

O menino um dia foi convidado pelo seu irmão Francisco para trabalhar em um restaurante que ele havia comprado, em uma cidade próxima. Ele, como dava tudo para sair do interior e ainda vivia cansado de esperar que alguém lhe convidasse para trabalhar em serviços diferentes, foi em primeira mão.

Ali passou a conhecer algo a mais, até porque o seu irmão gostava muito da área comunicativa, e lhe levou a um ponto mais elevado. Entregou-lhe o salão dando oportunidades para que ele assumisse o principal cargo depois do proprietário. O menino tomou conta da parte que lhe foi entregue, e, entusiasmado, trabalhou muito atenciosamente e cor-tês.

Ele sentia saudades daquela menina com quem trocou muitos olhares, que para ele diziam muitas coisas e nada era muito claro.

O menino tímido: a timidez sempre perversa e cruel

Nos trabalhos noturnos daquele restaurante, chegou a conhecer muito da música popular e ficou entusiasmado com tudo aquilo que viu, no período de um ano que permaneceu prestando serviços para o seu irmão.

O menino tímido virou adolescente e um pouco mais maduro. Sem dúvida, viu um pouco do que ele queria. Carregando muito bem guardado nos seus pensamentos, não teve coragem de dizer para ninguém.

A timidez sempre o dominou. Músicas românticas, músicas seresteiras e tudo mais que se ouvia naquele restaurante lhe faziam recordar o interior, a sua família, mas em primeiro lugar, aquela menina, de quem jamais se esquecerá. Mas a tudo aquilo ele conseguia resistir, pois estava à procura de algo diferente e sabia que ali havia um caminho para o início dos seus sonhos. Por isso sentia-se forte e sabia que superaria toda aquela saudade.

Curiosidade

O menino tímido, mesmo mais crescido, quase não falava, mas olhava sempre com muita curiosidade para qualquer coisa que via. Ele era muito persistente com tudo que houvesse de novidade em sua volta. Quase não se percebia aquela curiosidade. Quando ele estava pesquisando qualquer coisa no olhar e percebia que alguém estava vendo os seus gestos, logo trocava e procurava qualquer forma de continuar a sua atividade para que ninguém percebesse o que estava acontecendo. Tinha medo de lhe ser feita alguma pergunta.

— Eu ainda sou criança, não tenho como falar com adultos. E nem mesmo o que falar. Se eles me perguntarem alguma coisa, vou ter que pegar o meu chapéu e cobrir a cara para falar algo que ainda não sei o que é. Ou mesmo sair correndo. Mas, e se correrem atrás de mim?

Tudo isso fazia ser percebido algo diferente naquele menino. Mas o interesse que ele tinha nas pessoas, de pesquisar e tentar descobrir o que havia de importante nelas, era pouco ou quase nada, até porque o povo ali era muito simples e pouco instruído. Dificilmente alguém imaginava que houvesse alguma inteligência além do normal, que viesse a se isolar na memória daquele menino. Ele, uma vez criado no interior, não faria ninguém crer que existisse fechada nos laços de sua timidez uma inteligência tão emocionante e capaz de levar tanta admiração àqueles que viessem o conhecer.

Ele fala sozinho:

— Eu fiquei por mais de um ano trabalhando naquele restaurante onde havia uma grande comunicação com o público: perguntava, respondia, levava, trazia. Será que eu hoje, aqui no interior, não tenho condição de conversar nem

mesmo com os meus parentes? E aquela menina... Hoje que as portas parecem querer se abrir descobri que existe algo que antes eu não sabia. Eu realmente gosto dela de verdade. Ainda não sei qual o nome que se dá, mas vou lutar e descobrir.

Ele ganhou um radinho de pilhas e passou a ouvir alguns programas que eram transmitidos aos domingos. A partir dali, passou a conhecer muito do que estava precisando. A Rádio Educadora, que transmitia o programa Discoteca do Fã, para ele foi uma escola.

— Agora sim, eu sei o que sinto por ela. Sem dúvida, o que sinto mesmo é amor. Tem mais alguma coisa que vou ter que descobrir também. Ouvi no rádio uma palavra que me chamou a atenção. Vou saber sem falta o que quer dizer.

Ele descobriu depois que a palavra paixão não só se refere ao sofrimento de Jesus Cristo. Ele também sofria uma grande paixão por aquela menina. E era muita, a ponto de ser um sofrimento longínquo e difícil de ser controlado.

Aquele menino, depois de descobrir tudo isso, viu acontecer algo estranho entre ele e ela que os distanciou muito. Ele não entendeu o porquê nem sequer dialogaram, e o destino os afastou e o fez pensar que ela havia lhe desprezado. Ele jamais acreditara. Às vezes se sentia conversando com ela, perguntando qual o motivo de tal abandono.

Ao amanhecer de um domingo, ele saiu antes de seus pais e seus irmãos despertarem. Ele levava o seu radinho de pilhas e logo ouviu o locutor falando e dando início ao primeiro programa daquela manhã. Ele viajou aquelas cinco léguas e chegou naquele campo chamado “aeroporto”. Lá, viu o primeiro avião chegar, procurou alguém e disse que pretendia viajar. Perguntaram para onde.

— Não sei. — ele respondeu.

— Como é que você vai viajar e não sabe para onde? — perguntou-lhe o piloto.

— Eu acho que ela viajou e quero acompanhar-lhe o mais rápido possível e, andando aí nesse transporte, com certeza vamos chegar lá primeiro do que ela.

— Vai para casa garoto. Os teus pais devem estar preocupados contigo.

O menino se conscientizou e voltou, mas não se conformou. Quando foi chegando em casa, já às duas da tarde, viu no apêndice, aquela menina.

— Oi, eu não acredito! Quase viajei à sua procura. Estive na porta de um transporte que já ouvi falar ser o transporte mais veloz do mundo. E queria chegar lá primeiro do que você!

— Lá onde? Pergunta a menina.

— Não sei.

— E aí, o que houve?

— Alguém se dizendo piloto não me deixou entrar.

— E depois?

— Me mandou voltar para casa. Agora eu sei com certeza que ele sabia que você estava aqui. Por isso mandou voltar para casa.

— Como ele podia saber que eu estava aqui se nem sabe quem sou eu?

— De repente o destino lhe disse... Principalmente porque ele vive andando no espaço, e isso até que pode ser fácil já que ele vive em contato com o vento, com as nuvens... Hoje eu sofri, mas tudo isso me trouxe sorte. O que eu mais queria me aconteceu.

Logo ao acabar de falar a menina já vai saindo. Nem sequer se despede. Foi a única vez que aqueles dois meninos conseguiram conversar depois de tantos anos que se conheceram. E foi uma conversa tão rápida e de tão poucas palavras que ele não acreditou que fosse verdade. Ele ficou o resto daquele domingo muito triste. A cada instante parecia-lhe que via a imagem da menina na porta. Era só ilusão. A menina também sofreu muito. Era um momento que ela também esperava há muito tempo, mas, como a timidez era maior do que a sua coragem, ela lhe fez se afastar dele, a ponto de lhe dizer muita coisa sem falar mais uma só palavra. Foi com isso que ele se sentiu desprezado.